

A categorização nominal: considerações teóricas acerca dos classificadores *Akwê-Xerente*¹

Kênia Mara de Freitas Siqueira
Universidade Estadual de Goiás

Resumo: Estudar o sistema de categorização nominal das línguas constitui um recurso teórico necessário para elucidação de algumas questões que estão na base do uso de classificadores em diferentes línguas. Assim, este estudo tem como objetivo mapear as concepções teóricas acerca dos critérios envolvidos na identificação e caracterização dos sistemas de classificação nominal das línguas, isto é, critérios usados para a categorização de palavras; visa também apresentar aspectos descritivos do sistema de classificação nominal dos classificadores nominais da língua *Akwê-Xerente*, língua indígena da família Jê, falada pelo povo indígena de mesmo nome.
Palavras-chave: categorização nominal; classificadores; língua indígena.

Abstract: To study the system of nominal categorization of languages constitutes a theoretical resource needed for elucidation of some questions at the basis of the usage of classifiers in different languages. This study maps the theoretical conceptions about the criteria involved in the identification and characterization of the nominal classification system of languages, in other words, criteria used to categorize the words; it also presents descriptive aspects of the system of nominal classification of the nominal classifiers of the *Akwê-Xerente* language, an indigenous language of the Jê family, spoken by the indigenous people of the same name.

Keywords: nominal categorization; classifiers; indigenous language.

Resumen: Estudiar el sistema de categorización nominal de las lenguas puede constituirse un recurso teórico necesario para la eludización de algunas cuestiones que están en la base de la utilización de clasificadores en diferentes lenguas. Así, este

1. Recebido em 01/07/2011. Aprovado em 23/09/2011.

estudio tiene como objetivo mapear las concepciones teóricas acerca de los criterios involucrados en la identificación y caracterización de los sistemas de clasificación nominal de las lenguas, esto son, criterios usados para la caracterización de palabras; visa también presentar aspectos descriptivos del sistema de clasificación nominal enfatizando los clasificadores nominales de la lengua *Akwẽ-Xerente*, Lengua indígena de la familia Jê, hablada por el pueblo indígena del mismo nombre.

Palabras clave: categorización nominal; clasificadores; Lengua indígena.

Introdução

O objetivo deste artigo é mapear as concepções teóricas acerca dos critérios operacionais envolvidos na identificação e caracterização dos sistemas de classificação nominal das línguas, mais especificamente, critérios usados para a categorização de palavras; também visa apresentar aspectos descritivos do sistema de classificação nominal enfocando os classificadores nominais da língua *Akwẽ-Xerente*, língua indígena da família Jê, falada pelo povo de mesmo nome. Atualmente, os xerente² somam, aproximadamente, 3100 pessoas que vivem tanto na região da cidade de Tocantínia, em 57 aldeias como na própria cidade, o que aponta para um contingente urbano em torno de 300 pessoas.

Os dados foram selecionados a partir da pesquisa de cunho etnográfico realizada durante o doutorado desta pesquisadora. A metodologia prioriza a análise qualitativa do objeto. Nessa perspectiva, primeiramente, visa-se à aplicação dos critérios estruturais (morfológicos) para a descrição e análise da categoria, todavia critérios de ordem semântica também podem ser usados quando os aspectos apresentados não puderem ser distinguidos por critérios apenas formais/funcionais. Isto não descarta a possibilidade de se recorrer também a critérios distribucionais.

2. Vivem nas terras indígenas Xerente, demarcadas e homologadas, abrangendo 183 000 hectares, divididas em PI Funil e PI Xerente, terras típicas de cerrado, no espaço chamado Amazônia Legal. Do ponto de vista geográfico, os povos da família linguística Jê são classificados como Setentrionais (os Kayapó, os Timbira, os Suyá, os Kren-akarore ou Panará), como Centrais (os Xerente, os Xavante e os Xakriabá, também conhecidos como Akwẽ/Auwẽ) e os Jê Meridionais (os Kaingang e os Xokleng).

Este mapeamento torna-se importante para delimitar teoricamente as concepções, conceitos e dimensões dos sistemas linguísticos de classificação nominal. Antes parece oportuno citar alguns autores que ressaltaram, em seus trabalhos, o caráter pendular que envolve a natureza da categorização humana: se arbitrária; ou em direção oposta, se reflete de alguma maneira, a realidade que permeia a interação homem, ambiente físico e o recorte feito pela língua em consonância com tais âmbitos da vida humana.

A natureza das conceituações linguísticas

A maneira como as línguas descrevem, recortam e conceituam a realidade cotidiana apresenta inúmeros aspectos que tanto podem refletir a interação imediata com essa realidade de modo mais claro, como pode, à medida que vai abstraindo a relação língua/cultura, não marcar na estrutura linguística características que revelem a maneira como dada cultura vê o mundo.

Muitos estudiosos já se dedicaram à questão, para citar apenas alguns: Crofts (1985); Gumperz (1996); Wierzbicka (1997). Em síntese, esses autores sugerem que da interação homem, ambiente físico e cultural, ocorre a formação de paradigmas específicos para cada língua, uma vez que a formação de paradigmas somente pode ser concebida como ação cultural proveniente do reflexo do pensamento de um povo.

Para esses autores, o sistema conceitual do ser humano é estruturado na vivência de mundo que possui e, mais ainda, na maneira como se relaciona com seu semelhante e com o ambiente físico próximo a ele. Dessa forma, a formação de paradigmas na construção de significados pode ser vista como um ato basicamente cultural, em que o pensamento desse povo se reflete e se expressa através de sua língua.

Certos padrões contemplados em uma língua podem ser entendidos como constituintes de uma visão de mundo construída culturalmente. Na verdade, toda língua desenvolve um inventário semântico único e rico em recursos simbólicos cujo índice conceitual parte, em princípio, do próprio

corpo como referência para designar categorias que podem vir marcadas ou não na estrutura linguística de cada língua.

A partir do trabalho desses autores, é possível inferir que a ideia de que a categorização humana não é arbitrária (ou não extensamente arbitrária), mas parte de parâmetros centrais para exemplos periféricos de categorias da língua. Isso faz com que tais exemplos pareçam mais salientes para os falantes. No entanto, como se vê adiante, existem discordâncias a respeito da natureza arbitrária da categorização humana.

O estudo da categorização nominal evidencia grupos de propriedades inerentes a certas categorias, isto é, apresenta-se útil para entender a natureza dessas categorias, muitas vezes expressa pelo uso de classificadores. A esse respeito e num enfoque mais tradicional, (Coleman; Kay 1981 *apud* Lakoff 1986), propõem a teoria dos protótipos, cuja noção expande-se em semântica lexical, na qual alguns fenômenos são ainda analisados como categorias gramaticais absolutas usadas para explicar as categorizações em consonância com a noção dos protótipos.

Como Givón (1986) argumenta, a concepção de protótipos é necessária para explicar o uso linguístico, a mudança linguística e a aquisição de linguagem; também esclarece melhor a questão de extensões metafóricas, um processo essencial acionado no uso, na mudança e durante a aquisição de uma língua.

No entanto, a natureza da capacidade de categorização humana atribuída à ação dos classificadores gera controvérsias. Para muitos estudiosos, como Lakoff (1986), os classificadores podem ser vistos como formas arbitrárias que não refletem as estruturas conceptuais e, por isso, não podem ajudar a entender a natureza das categorizações humanas. Por outro lado, o sistema de classificadores pode contribuir para o entendimento do fenômeno mais amplo da capacidade de categorização humana.

De fato, como no exemplo descrito por Dixon (1972) sobre a classificação dos objetos no universo, em Dyirbal, a categorização parece bastante arbitrária, pois apesar dos traços afins entre os objetos de cada

categoria situá-los em classes³, segue, de certa forma, apenas critérios convencionais.

Segundo Dixon (1972), um conjunto de classificadores pode distinguir-se por três critérios: (i) seu tamanho; sistema pequeno e finito ou um conjunto maior e mais aberto; (ii) seu *status* morfológico; morfologia não-flexional ou morfemas lexicais livres; (iii) seu uso gramatical; conjunto de regras e “susceptibilidade” discursiva. Além, é claro, das propriedades semânticas comuns que os classificadores apresentam. Considera também que as características morfossintáticas das palavras, em geral, podem ser verificadas tendo em mente duas perspectivas: as propriedades distribucionais ou configuracionais e as propriedades estruturais.

Propriedades distribucionais se referem à maneira como as palavras são distribuídas nos sintagmas, nas frases, nos textos; já as propriedades estruturais se referem às propriedades da estrutura interna das palavras em si mesmas, ou seja, diz respeito à possibilidade ou não de se decomporem em morfemas, de admitirem ou não variação morfológica, de combinar-se com outros morfemas para formação de novos itens lexicais.

A próxima seção traz o mapeamento das concepções teóricas desenvolvidas em trabalhos anteriores sobre os classificadores e os sistemas de categorização nominal.

Classificadores: concepções, conceitos e dimensões

Conforme Craig (1986), as línguas do mundo exibem uma gama de tipos de sistemas de classificadores, bem como uma grande diversidade de parâmetros semânticos expressos por eles, os quais são importantes para compreender a maneira como uma dada língua concebe noções de tamanho, de saliências, formas ou conceitos de animado ou humano e, ainda, gênero macho/fêmea.

3. Apenas para ilustrar, Dixon (1972): (I) bayi: (humano) machos: animais; (II) balan (humano) fêmeas: água, fogo, luta; (III) balam: comida que não é carne; (IV) bala: todas as coisas não incluídas nas outras classes.

Classificadores e sistemas de categorização nominal têm sido o foco de interesse de alguns trabalhos em consonância com as propostas de elaboração de tipologias funcionais, tais como: Allan (1977); Craig (1986); Payne (1986); Aikhenvald (2000a; 2000b); Grinevald (2002); Gomes (2006); entre tantos outros que se ativeram ao estudo dos sistemas de classificadores sejam nominais, numerais ou verbais.

De acordo com Gruyter (2004: 1016), os classificadores são basicamente:

Sistemas⁴ sintático-lexicais que fornecem uma ampla categorização linguística para os nomes. Distinguem-se por seus aspectos semânticos, pela extensão de seu inventário, por seu status morfossintático e também por seu aspecto pragmático. Classificadores são parte de um contínuo do sistema de categorização nominal que está numa posição intermediária entre os dois tipos de sistemas de classificação nominal encontrados nas línguas européias: os sistemas de gênero mais gramaticalizado[...] e as expressões lexicais de termos de medida⁵ e unidades de peso.

Semelhantemente, Grinevald (2002: 259) propõe que os sistemas de classificação são realmente sistemas intermediários entre os sistemas léxico-gramaticais situados na direção de um contínuo de gramaticalização dos sistemas de classificação nominal, com adiantado processo de gramaticalização, agrupados dentro de cada tipo de sistema de classificadores.

Assim, Grinevald (2002: 260) apresenta um contínuo de gramaticalização importante para entender como uma determinada raiz nominal percorre o caminho do ponto + “lexicalizado” em direção ao ponto + “gramaticalizado”:

4. Tradução livre.

5. Tais como: uma resma de papel, uma xícara de leite, um punhado de doces, um monte de roupas.

Gomes (2006)⁶, assim como Allan (1977), Mithun (1986), Aikhenvald (2000b), entende que os classificadores têm uma origem claramente lexical, são um tipo intermediário de sistema de classificação, uma espécie de meio-caminho de um sistema mais ou menos lexicalizado ou gramaticalizado.

Em outra direção, Sousa Filho (2007: 112), em seu trabalho de doutorado (o primeiro sobre a língua *Akwẽ-Xerente*) aborda as categorias da língua sob um prisma em que enfoca os classificadores como nomes derivados de termos que funcionam como hiperônimos na língua, isto é, como termos que agrupam outros nomes por traços semânticos comuns.

[...] os classificadores são nomes derivados de termos de classe, em sua maioria, mas exibem baixa referencialidade. [...] nomes que não referem apresentam um baixo grau de categorialidade [...] os classificadores operam sobre uma base semântica, implicando certos traços característicos do referente do sintagma nominal, mas não certos traços lexicais de um nome particular.

Os termos de nível básico de categorização são aqueles utilizados para conceituar coisas do ponto de vista perceptual e funcional. Essas raízes de termos de nível básico classificam os nomes aos quais se agregam.

Categorização semântica dos classificadores

De acordo com Folley e Van Valin (1984), um parâmetro linguístico representativo da presença ou ausência de classificadores é um bom recurso dentro do qual se pode investigar a validade dos Princípios do Relativismo Linguístico. A presença de classificadores de categoria gramatical é prototipicamente tomada para o diagnóstico da ontologia da substância, a qual

6. Gomes (2006), com o objetivo de mostrar como um nome, em Mundurukú (Tupi), assume propriedades de classificadores, propõe uma escala em que são destacadas as propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas desses nomes.

os classificadores precisam para expressar a denotação⁷ de nomes em relação às propriedades corporais de forma ou propriedade menos distintas; enquanto sua ausência é vista como evidência para um domínio ontológico do corpo.

As propriedades corporais menos distintas são inerentes aos nomes. Dessa maneira, classificadores caracterizam-se por atribuir, de forma descritiva, relevo aos nomes vagos semanticamente.

Os sistemas de classificadores selecionam características universais básicas da maioria das classes⁸ de palavras das quais se originam e estendem-nas metaforicamente para expressar os mais variados tipos de interação que os seres humanos têm com seu mundo. A percepção do mundo codificada nos sistemas de classificadores incorpora do mais cognitivo e universal para o mais específico e cultural ponto de vista.

Propriedades semânticas universais dos classificadores

Para a identificação das propriedades semânticas dos classificadores, há alguns critérios conhecidos, apresentados principalmente nos trabalhos de Allan (1977) e Gruyter (2004). A síntese desses trabalhos aponta para as seguintes características: (i) animado, (ii) inanimado.

“Animado” é um traço recorrente nas características semânticas dos classificadores. Correspondem, grosso modo, às propriedades inerentes da pessoa, tais como sexo, idade, parentesco e as outras características semânticas com propriedades sócio-culturais: posição social, ocupação, nobreza, sagrado, profano, isto é, características de função social.

Segundo Gruyter (2004: 1016), o domínio inanimado é “classificado por uma proliferação de traços semânticos divididos entre conjuntos de características físicas e funcionais. Matéria e forma constituem os maiores domínios físicos. O domínio rotulado por “forma” inclui tanto características

7. Referência.

8. Na maioria, nomes e verbos.

inerentes aos objetos, quanto características físicas temporárias (forma, consistência e configuração). Gruyter (2004: 1017) acentua que:

A predisposição dos sistemas de classificadores para usar especificamente forma (em vez de cor, tamanho, peso ou cheiro) reflete a seletividade encontrada na categorização humana para os objetos do mundo de acordo com categorias básicas. Essas características semânticas primárias inerentes à forma prevalecem em grande parte das línguas faladas no mundo. São basicamente: forma longa unidimensional, forma plana bidimensional, e forma arredondada tridimensional. Com essas características primárias, combinam-se traços secundários que refletem consistência (rigidez, flexibilidade, leveza, dureza); configurações (amontoados, em círculo, em linhas retas, espalhado regular ou irregularmente). E ainda as características funcionais que se referem ao uso dos objetos classificados em vez de sua forma. Basicamente, indicam habitação, transporte, ferramentas, vestimenta ou comestível em relação à função dos objetos.

Importa ressaltar que Payne (1990: 275) indica uma lista um pouco mais extensa em relação à categoria de classificadores inanimados: “os classificadores são divididos em dez categorias semânticas: forma, coleção, arranjo⁹, anatômico, botânico, geográfico e manufaturados, consistência e tempo”. O que precisa ser observado é que, para cada língua, uma classificação específica pode ser feita, já que nem toda língua apresenta as mesmas necessidades de classificação dos objetos do mundo.

Tipos de classificadores

Sobre as classes definidas por um classificador não é equivocado dizer que elas variam muito em grau de complexidade e heterogeneidade de

9. Esse termo é usado para se referir a itens que originalmente não possuíam uma configuração definida.

acordo com o tipo de classificador que a especifica. Segundo Gruyter (2004: 1018), os sistemas de classificadores são “heterogêneos, não hierárquicos, de organização taxonômica que varia idiossincriticamente de língua para língua, de cultura para cultura”.

Entretanto um tipo de classificador específico é bastante comum. O termo “específico” cobre dois tipos de classificadores: os “únicos” e os gerais. Os classificadores únicos caracterizam-se por definirem classes simples. Classificam um único objeto, aparentemente, um objeto que teve ou ainda tem alguma relevância cultural particular.

Já os classificadores gerais incluem mais classes em sua especificação. São também muito transparentes semanticamente. Normalmente, distinguem classes com base na categorização de “animados”. Esse tipo de classificador é usado como substituto de muitos classificadores específicos sob certas condições pragmáticas, como por exemplo, estágios iniciais de aquisição da linguagem e ainda em falas casuais de falantes adultos. Importante mencionar que o uso dos classificadores gerais é também um traço de perda linguística entre línguas em contato com outras línguas que tenham classificadores. São muito comuns nos sistemas de classificação numeral.

Morfossintaxe dos classificadores

O interesse pela diversidade tipológica do fenômeno geral de classificação nominal vem, nas últimas décadas, atraindo a atenção para os variados subconjuntos de sistemas de classificação das línguas, haja vista os trabalhos de Dixon (1972); Barnes (1990) e Grinevald (2002).

De acordo com Allan (1977)¹⁰, Craig (1986) e Mithun (1986), existem três tipos de sistemas de classificadores: 1) Classificadores numerais, formas léxico-sintáticas, frequentemente obrigatórias em expressões de

10. Allan (1977), na verdade, refere-se a quatro tipos de sistemas de classificadores. Além dos mencionados ele acrescenta os classificadores predicativos, cujas funções são bastante similares (talvez as mesmas) dos *verb-incorporated*.

quantidade, distinguem-se dos sistemas gramaticais fechados; 2) Classificadores concordantes que constituem um sistema paradigmático e gramatical fechado. São, em sua maioria, afixos ou podem ocorrer como proclíticos; 3) Classificadores incorporados ao verbo, partículas lexicais incorporadas a uma raiz verbal, a qual sinaliza alguma característica classificatória do nome a que se refere o sintagma associado. Não ocorrem em sintagmas nominais e não expressam concordância.

Os classificadores xerente, tratados neste estudo, não se enquadram de forma discreta em nenhum dos três tipos conforme definidos acima. Os classificadores nominais xerente têm mostrado uma co-ocorrência com o nome que qualifica. A classificação opera em base semântica e implica certos traços característicos do referente, mas não traços lexicais de um nome particular. O classificador também sinaliza a classe a que o nome externo pertence naquele contexto específico, ou seja, é selecionado de acordo com parte do objeto a que se quer fazer referência.

Segundo Payne (1990), os sistemas de classificadores das línguas da Amazônia também não se enquadram nos tipos assinalados por Allan (1977), Craig (1986) e Mithun (1986), mas se comportam de maneiras diferentes, apresentando características e funções diversas em pelo menos oito formas diferentes dos tipos de sistemas tradicionalmente estabelecidos.

À semelhança da síntese apresentada por Gruyter (2004), a proposta deste item é uma tipologia baseada na morfologia, o que não exclui obviamente, quando possível, considerar questões de cunho semântico, de uso e de gramaticalização. Porém, os diferentes tipos de classificadores são primeiramente identificados por sua natureza morfológica. Os termos usados estão de acordo com a terminologia utilizada por Gruyter (2004).

Classificadores nominais

De acordo com Aikhenvald (2000a: 81), as propriedades dos classificadores nominais reúnem características tanto sintáticas ou morfológicas, como também aspectos de ordem semântica ou lexical, no que concerne,

principalmente, às escolhas cuja concorrência envolve também as propriedades flexionais e a relação com os demais constituintes da frase. Por outro lado, há que se considerar que os classificadores guardam uma certa independência no que se refere à presença ou ausência de outros termos na frase.

Classificadores nominais caracterizam os nomes e co-ocorrem com eles em uma sintagma nominal¹¹ [...] A propriedade determinante dos classificadores nominais é sua presença na frase nominal independente de outros constituintes estarem na frase ou fora dela. Seu escopo é uma frase nominal. Eles são um tipo de dispositivo de categorização nominal não convencional cuja escolha é determinada por seleção lexical e pela concorrência de qualquer propriedade flexional dos nomes com quaisquer outros constituintes de uma sintagma nominal.

Como se vê, a definição dos classificadores nominais de Aikhenvald coaduna com a ideia exposta por Gruyter (2004), que considera os sistemas de classificadores heterogêneos, não hierárquicos, e de organização idiossincrática, já que não segue uma seleção léxico-morfológica convencional de dada língua e agem independentemente dos outros constituintes da frase, i. é, não estabelecem combinações com os demais elementos da frase.

Assim, de acordo com Aikhenvald (2000a: 81), os classificadores nominais são adicionais, contingentes, e compreendem as seguintes características:

- (i) A escolha de um classificador nominal baseia-se na semântica. Nem todo nome de uma língua é necessariamente tomado como um classificador.
- (ii) As línguas podem admitir a co-ocorrência de vários classificadores nominais numa frase nominal.

11. De acordo com Jota (1981: 143), em relação à frase nominal: "A frase nominal é a frase sem verbo e sem conectivo" [...] A frase nominal, segundo Benveniste, por sua própria natureza é refratária a tempo, modo e aspecto.

- (iii) Um nome pode ser usado com classificadores diferentes, com mudança de significado.
- (iv) O tamanho do inventário dos classificadores pode variar de um conjunto bastante pequeno e fechado para um conjunto grande e aberto. Consequentemente, classificadores nominais podem gramaticalizar-se em extensões diversas.
- (v) Classificadores nominais são frequentemente usados anaforicamente, eles podem gramaticalizar-se como marcadores de funções sintáticas.

Antes de discutir sobre os demais classificadores encontrados nas línguas (classificadores numerais, verbais, genitivos), faz-se necessário frisar que existem diferenças significativas entre classificadores e classes nominais, seja do ponto de vista morfológico ou semântico. Assim, classificadores e classes nominais diferem em, pelo menos, três aspectos: tamanho (extensão do inventário), realização (questões de função) e possibilidades em relação à referência fora da frase.

Outros tipos de classificadores

Segundo Aikhenvald (2000a: 93), cinco tipos de dispositivo de classificação nominal podem ser identificados na base de seu *locus* morfossintático, esquematizados a seguir:

- (i) Gênero¹² e classe nominal – sistemas de concordância gramaticalizados, baseados em certas características semânticas (frequentemente animado e sexo), marcadas num dos constituintes ou no predicativo, mas não necessariamente no próprio nome;
- (ii) Classificadores numerais – morfemas livres ou presos que atuam em um contexto de quantificação;

12. Para Gruyter (2004), o gênero não se inclui nas tipologias de classificadores.

- (iii) Classificadores nominais – morfemas livres¹³ ou presos que ocorrem próximos ao nome e os caracterizam independentemente de quantificação ou possessão;
- (iv) Classificadores genitivos ou possessivos – morfemas livres ou presos que aparecem em contextos de construção possessiva e caracterizam uma relação possessiva ou um nome possessivo.
- (v) Classificadores verbais – morfemas presos que se afixam ao verbo ou incorporam-se a ele. Caracterizam um nome, que tem tipicamente a função S/O, em termos de forma, consistência e propriedade de animado.

Como gênero não é comumente incluído nas tipologias de classificadores, é possível descrever os sistemas de classe nominal de acordo com o conteúdo semântico atribuído às classes que contêm: classe¹⁴ humano, plantas¹⁵, frutas, líquidos, inanimado, animais, objetos longos ou pequenos, massa, partes do corpo.

Segundo Gruyter (2004), os classificadores numerais são os mais comuns e conhecidos sistemas de classificadores; são chamados de numeral porque atuam contigualmente aos numerais. Podem ser mais ou menos presos e fundidos ao numeral.

Para Dourado (2001), uma classe de nomes em Panará (Jê) pode ocorrer em correferência com um sistema de classificadores baseado em nomes de partes de plantas, objetos côncavos e líquidos. Ocorrem procliticamente, pois podem apoiar-se fonologicamente no modificador do nome ou no núcleo de predicados nominais e verbais. São: “kə” ‘casca’ em: akahē ka kəasi pēkə ‘você costurou o vestido?’; s? ‘semente’ em: kiōripe y? s?kiōti ‘o arroz brotu’; “krε” ‘limpo’ como em: pratu kreḱēni ‘o prato está limpo.

13. Conforme os conceitos de Bloomfield (1984).

14. Evidentemente, essas classes variam de língua para língua.

15. É possível também subclasses dentro dessas classes: plantas, partes da planta (semente, raiz, folhas).

Já os classificadores genitivos ou possessivos são, conforme Grinevald (2000a: 66), focalizados pelos estudos linguísticos sob variados rótulos: “para Benton (1968) atributivo; Carlson e Payne (1989) genitivo; Harrison (1989) possessivo; Lichtenberk (1983) relacionais”. Com esses rótulos indicam como os classificadores possessivos aparecem em construções possessivas. São normalmente presos para marcar o possuidor e classificam semanticamente o possuído.

Para Grinevald (2002), esse sistema de classificadores seleciona um conjunto limitado de nomes da língua para a classificação, os quais parecem ter alto grau de significado cultural e constituem uma classe semelhante aos nomes alienáveis, determinados, em princípio, pela língua em questão. Em outra direção, os nomes inalienáveis não usam classificadores.

Para Payne (2008: 105), a posse alienável é um tipo de posse que pode ser encerrada, ou seja, pode-se transferir a posse de coisas do mundo de uma pessoa para outra, por isso essa relação com as coisas do mundo é uma posse do tipo alienável. Posse inalienável é o tipo de posse que não pode ser interrompida (NI). Há também os nomes que podem ou não ser alienados, possuídos. Normalmente, línguas que marcam a posse inalienável incluem nomes de partes do corpo e termos referentes a relações familiares, como itens inalienavelmente possuídos.

Os classificadores verbais são “parte” do verbo, encontram-se dentro (morfologicamente) da forma verbal. Como sistema de classificação, segundo Gruyter (2004: 1022), “eles apresentam a mesma série de características semânticas já descritas em relação aos demais sistemas de classificadores”. Há inúmeros subtipos de classificadores verbais, dependendo principalmente da idade do sistema e da origem lexical dos classificadores.

Um subtipo dos classificadores verbais são os classificadores incorporados¹⁶ semanticamente. Os sistemas de classificadores incorporados variam de acordo com as entidades qualificadas dos objetos (forma e função).

16. Mithun (1986) documenta casos de classificadores incorporados na língua Munduruku (Tupi).

O termo “classificador verbal” é usado, às vezes, de maneira completamente diferente por alguns estudiosos das línguas do Sul e Sudeste asiático. Segundo Aikhenvald (2000a: 9), Haas (1942) chama-os de “palavras que indicam há quanto tempo um evento ocorreu”; numa sentença como em inglês: *he ran twice*, *twice* é considerado um classificador verbal. Outros autores, simplesmente, empregam “classificadores”.

Para Aikhenvald (2000a), pode-se falar em três formas de classificadores formais: nomes incorporados através do qual um nome é incorporado ao verbo para categorizar um argumento extrapredicativo¹⁷; os classificadores verbais afixados¹⁸; verbos classificatórios supletivos¹⁹.

Conforme Gruyter (2004) e também Craig (1986), há ainda tipos marginais de classificadores como os que atuam em “*mot-valise*”²⁰ de morfemas e outros que expressam dêixis e elementos de classificação nominal.

Dimensão dos sistemas de classificadores

Sistemas de classificadores desenvolvem-se na junção dos sistemas gramaticais e lexicais. Assim, são interessantes no sentido de revelar os processos pelos quais os sistemas gramaticais emergem. Atrás da absoluta excepcionalidade de todo sistema de classificadores escondem-se alguns padrões reorganizáveis de como os sistemas emergem, desenvolvem-se e decaem. Sistemas de classificadores e os próprios classificadores têm muitas origens e períodos de desenvolvimento. Os sistemas mais estabelecidos são complexos mosaicos desenvolvidos e renovados o tempo todo. As classes lexicais constituem sua fonte mais comum.

17. Segundo Dik (1989: 68-73), o predicado recebe um número de argumentos de acordo com sua forma de predicação nuclear, as valências. Os argumentos são obrigatórios e caracterizados por um conjunto de funções semânticas. Dessa maneira, um argumento extrapredicativo seria, na verdade, um termo satélite, i. é, um constituinte opcional da oração.

18. Ver Aikhenvald (2000b).

19. Sousa Filho (2007: 237) descreve uma série de formas verbais supletivas em Xerente.

20. Dubois et al (1998: 422): “*mot-portemanteau*, palavra entrecruzada, *mot-valise*, palavra entrecruzada.”

Os verbos são também fonte de classificadores, embora com menos frequência quando comparados com os nomes. Entretanto, a origem da grande maioria dos classificadores não pode ser determinada somente por informações semânticas. Os exemplos que os estudiosos oferecem constituem mais exceções do que a regra das línguas das quais selecionam os dados.

Extensão semântica dos classificadores

Os classificadores passam por um processo de extensão semântica: de sua semântica lexical original a outros traços semânticos porque os tipos de categorias a que se referem são muito diferentes dos tipos de categorias a que os nomes se referem. Enquanto nomes fazem referência a entidades específicas, os classificadores derivam dessas referências.

Gruyter (2004) acentua que o primeiro nível de extensão semântica dos classificadores é mais típico dos classificadores nominais e classificadores verbais incorporados, pois têm mais funções nominais. Por outro lado, os classificadores numerais exibem uma extensão semântica mais adiantada, pois classificam metaforicamente os objetos evidenciando qualidades como forma e consistência. O mais conhecido exemplo ocorre com o agrupamento de nomes de partes de plantas.

Importante perspectiva de extensão semântica dos classificadores é a maneira como desenvolvem-se de únicos, específicos, para um *status* de classificadores gerais, ou seja, como passam da função de classificar um único membro do conjunto para um, indiscutivelmente, complexo e heterogêneo conjunto de objetos.

Entretanto, dadas tantas peculiaridades apresentadas pelos classificadores, os cenários propostos de emergência desses sistemas são ainda bastante especulativos, mas apontam também inúmeras possibilidades de pesquisa, já que os processos tanto de expansão, quanto de declínio dos classificadores podem revelar aspectos culturais, linguísticos e tipológicos, ainda nebulosos, sobre as motivações dos falantes em relação à preservação ou perda de suas línguas ameaçadas de desaparecimento.

Este estudo considera que “classificadores” são elementos que, ao integrarem o composto, acrescentam a este novas designações para indicar cor, formato, função, aspecto físico da figura de uma maneira geral.

A língua *Akwẽ-Xerente* já possui, evidentemente, essas palavras de uso funcional. À guisa de exemplo, é possível citar: *rom* – *hã* ‘casa’, *rom* – *zã* ‘semente’, *rom* – *ze* ‘doença’ que não aparecem como forma livre²¹ como *zazu* ‘po’ (*rom zazu*²² ‘algum pó’).

Na verdade, estes nomes comportam-se de várias maneiras e os traços semânticos que acrescentam aos termos vão além das categorias de “animal”, “vegetal” e outras. Segundo Sousa filho (2007), os classificadores são nomes derivados de termos de classe, porém exibem baixa referencialidade, i. é, se não referem, apresentam baixo grau de categorialidade.

Os classificadores, de acordo com Sousa Filho (2007), operam sobre uma base semântica, que implicam certos traços (mas não traços lexicais) do referente do sintagma nominal. Em xerente, encontram-se classificadores em correferência com nomes, ocorrem pois, fonologicamente, apoiados em nomes ou verbos. Nos nomes, podem ocorrer no meio da palavra ou seguindo o nome. Nos verbos, ocorrem procíticos, antecedem o tema verbal.

Classificadores em *Akwẽ-Xerente*

Através dos vários estudos realizados por Braggio²³ a respeito da língua e do povo *Akwẽ-Xerente*, é possível verificar alguns pontos que enfatizam a necessidade de se descrever o sistema de classificação (lexical, a princípio) da língua. Assim, Braggio (2004: 37) salienta, entre outros aspectos, que:

21. cf.: Câmara Jr. (2000: 69).

22. Dados de Siqueira (2003: 36).

23. Profa. Dra. Sílvia Lucia B. Braggio realiza estudos sobre o povo e a língua xerente desde 1987, coordena o grupo de pesquisa interinstitucional (UFG/UnB): Línguas Indígenas Brasileiras Ameaçadas - LIBA: Documentação (Análise e Descrição) Tipologias Sociolinguísticas, CNPq, (processo 50/337/2003-7).

[...] em *Xerente Akwẽ* há por volta de trinta nomes diferentes para peixes e estes entram em uma determinada categoria [...] pude observar a delicadeza da classificação, que só o olhar *Xerente Akwẽ* pode perceber para cores, tamanhos, analogias com outros animais e plantas, entre outros aspectos.

No que se refere aos nomes próprios em *Xerente*, Sousa Filho (2007: 97) considera que:

[...] a base semântica para a classificação dos nomes próprios em *Xerente* não é somente marcada morfológicamente, mas depende de um contexto mais amplo que inclui fatores socioculturais da comunidade de fala dessa língua, ou seja, há uma forma toda especial de classificação dos nomes pessoais *Xerente* que mostra que a base semântica para a classificação dos nomes nessa língua é dependente do conhecimento de mitos e crenças culturais da comunidade de fala a que pertence.

Sousa Filho (2007: 52) complementa: “os nomes da natureza se transformam em nomes da cultura, da organização social *xerente*, instaurando o princípio dialético composto por natureza e cultura”.

De acordo com os dados de Sousa Filho (2007), pode-se afirmar que “na classificação *xerente* o alvo é o núcleo do SN” que ocupa a posição de sujeito de predicado nominal²⁴, sujeito de verbo intransitivo, objeto de verbo transitivo.

Para este estudo, considera-se como classificadores, além dos já apresentados por Sousa Filho (2007), os seguintes classificadores nominais:

(i) *-kʔə* ‘em forma de cabeça’; (ii) *-kwa* ‘forma ou função de dente’; (iii) *-pa* ‘coisa comprida’; (iv) *-pɔ* ‘forma oblonga’; (v) *-pʔe* ‘coisa madura, vermelhidão’; (vi) *-zʔ* ‘forma de semente’. Em relação a *-ka* ‘coisa côncava para dar comida’; *-nõku* ‘coisa sem consistência sólida’, não receberam o

24. Evidencia a proposta de Aikhenvald (2000a) e de Gruyter (2004) sobre a ocorrência de classificadores em sintagmas nominais (ou expressões nominais)

foco desta descrição, pois “-ka” configura-se como classificador verbal; e para descrever “-nõku” não há dados suficientemente claros para tal tarefa.

O estudo dos classificadores e dos sistemas de categorização nominal oferece indícios importantes para elucidação de questões cruciais que estão na base dos processos de desenvolvimento e obsolescência das línguas ameaçadas, pois os sistemas de classificação nominal se encontram intrinsecamente relacionados aos estágios por que passam as línguas rumo ao desaparecimento.

Classificadores nominais *xerente*

Assim como Aikhenvald (2000a), Gruyter (2004) e Payne (2008), para a descrição dos classificadores *xerente*, este estudo considera que: os classificadores nominais têm origem lexical, caracterizam os nomes e co-ocorrem com eles; que a escolha de um classificador baseia-se na semântica, que as línguas podem admitir a co-ocorrência de vários classificadores numa frase e, ainda, que um nome pode ser usado com classificadores diferentes. Além disso, os classificadores podem ocorrer quando incorporados, como morfemas presos e podem gramaticalizar-se em extensões diversas.

Ao se incorporarem aos nomes, os classificadores podem ainda evidenciar a interinfluência²⁵ que ocorre entre o pensamento de um povo e os modelos para quais os classificadores são requeridos. Esse processo é de natureza descritiva (figurativa) e evidencia aspectos significativos do ponto de vista deste povo sobre o referente.

Os classificadores passam por processos de alargamento de seus valores semânticos, da origem lexical para outros traços semânticos, pois os tipos de categoria a que se referem são de natureza muito diferente das que os nomes se referem. Classificadores apresentam-se num *continuum* semântico “fluido”: ampliam ou restringem algumas características atribuídas ao objeto.

25. Convém reafirmar que teorias de análise linguística, de paradigmas funcionalistas (aparentemente contrários) na verdade, não se excluem, mas se complementam, oferecendo visões mais amplas de um mesmo fato linguístico.

Para a língua *Akwẽ*, tem-se assim a descrição dos seguintes classificadores nominais: (i) *-kʔʃ* ‘em forma de cabeça’; (ii) *-kwa* ‘forma ou função de dente’; (iii) *-pa* ‘coisa comprida’; (iv) *-pɔ* ‘forma oblonga’; (v) *-pa* ‘coisa madura, vermelhidão’; (vi) *pʔɛ* ‘forma de semente’. Dessa forma, esta descrição visa identificá-los como classificadores, tendo como parâmetro suas propriedades descritivas.

(i) *-kʔʃ* ‘em forma de cabeça, redondo’
 origem²⁶: *kʔʃ* (NI²⁷) ‘cabeça’

1) *əinəka kʔʃ*
 (nuvem-N + class (cabeça/redonda)
 ‘Nuvem cheia’

A raiz *kʔə* tem uso extenso na língua, todavia pode ser que se trate de (e com certeza são) formas homônimas (não totalmente homófonas, pela diferença da qualidade nasal das vogais) ou, como este estudo tem aventado, pode se tratar de formas polissêmicas. As raízes: *kʔə*²⁸ ‘cabeça’, ‘fruto’, **krə* ‘ovo’, **krə* ‘vagina’, *krə* verbo ‘ter filho’, pode remeter a uma origem comum com formas divergentes semanticamente. Por seu turno, as formas para ‘cabeça’ e para ‘fruto’ são amplamente mais usadas que as demais. Em muitos desses formativos, constituem a função de núcleo do composto. Assim, guardam a base semântica do novo item. Em outras funções, de classificador, por exemplo, indicam uma categorização do objeto, seja relativa à forma, ao tamanho, ou à posição no corpo designado. Em outras palavras, a forma

26. Aponta-se uma provável origem.

27. À guisa de legenda: ADV – advérbio, BN – base nominal, Class – classificador, MFP – morfema de formação predicativa, MOD – modificador, MPOSS – marcador de posse, N – nome, NI – nome inalienável, NUM – numeral, P – pronome, PANF – partícula de ação futura, PAS PER REAL – passado perfeito real, TAMP – tempo, aspecto e modo, V – verbo, 1ª pess – primeira pessoa.

28. Lembrando que essa raiz apresenta o alomorfe: “kʔəj”, resultado do provável alongamento da vogal média central “ə” (*shwá*) em contextos seguida por consoantes.

- 4) pra kuza te pa nāt sapuk
 (pé-NI + roupa-N + perna-NI+comprida-Class) PAS PER REAL costurar-V
 'Ele costurou a bota'. lit. 'roupa comprida do pé = bota'.
- 5) kuzə nāt sbi nīpkʔə hipa pʔo
 fogo-N PAS PER REAL (aranha-BN + MPoss +cabeça-NI + osso-NI + Class)
 queimar-V
 'O fogo queimou a aranha-do-brejo'. lit. 'aranha + dedo + comprido'.
- 6) kimba wat tpe ka pa nē
 rio-N 1ª pess (peixe-N + água-N + Class) jogar (dentro)-V
 'Eu joguei a piaba comprida no rio'. (dentro do rio)

Classificadores incorporados aos nomes salientam aspectos dos objetos que se pretende ressaltar, comprido, aspecto meio amarelado, debilitado como nos compostos: akka pa 'lacraia', dapaze 'bílís', kwa pa 'lâmina comprida', ude pa 'raiz'.

- (iv) -pɔ 'forma oblonga'
 origem: pɔ-V 'achatar'
 pɔ-N 'veado'

- 7) nʔði pɔ kʔɔikō di
 coco-N +class podre-MOD ADV MFP
 'O palmito não está podre'.

- 8) ẽmbə nāt sikapɾapɔ knē ~ kmē
 homem-N PAS PER REAL (galinha-N + pé-NI + Class) matar-V
 'O homem matou um pato'.

A forma oblonga é marcada também em: kukē hʔpɔ 'cágado' kwa tēpɔ 'embira', pɔ panhʔ 'miroró', tpe ka pɔ 'piaba larga', tpe kʔēj pɔ 'surubim', wazumzʔ wazumzʔ tēpɔ, wapsē pʔa pɔ 'guaxinim', em que a forma "mais larga que comprida" é evidente.

- (v) -*pʔɛ* 'coisa madura, vermelhidão'
origem: *pɾɛ*-MFP 'estar maduro'
- 9) si *pʔɛ* mōtō pə isīdi
(ave-N + Class) PANF asa-N R3 MFP
'A asa da cigana (ave) está machucada'.
- 10) wa pɔnkwa nē kuzə *pʔɛ*kəmēdə
eu-P dois-NUM (onça parda-N + Class) ver-V
'Eu estou vendo duas suçuaranas'.
- 11) aikte *pʔɛ* īseparkwa tet
(criança-N + Class) MPOSS mãe-NI TAMP-segurar-V
'A mãe está segurando o recém-nascido'.

O morfema “*pʔɛ*” usado como classificador recorta do objeto características como cor avermelhada, vermelhidão o que, em alguns casos, denota coisa madura, por exemplo, algumas frutas, ao amadurecerem ficam avermelhadas. Essa característica estende-se a outros objetos, nem sempre apresentando tais aspectos. Acrescentam-se aos dados 9, 10 e 11 os seguintes: *īsate pʔɛ* ‘gema’, *ke zekuhu nnē pʔɛ* ‘abelha-uruçu-amarela’, *ke zʔ pʔɛ* ‘abelha-vira-olho’, *kʔō pʔɛ* ‘periquito verdadeiro’, *kʔən pʔɛ wawē* ‘periquito coroa’, *kupa ude pʔɛ* ‘mandioca brava’, *kuti zdapu pʔɛ* ‘jia’, *nē pʔɛ pʔeʔe* ‘sangue de boi (pássaro)’, *sika kō pʔɛ* ‘galinha’.

- (vi) - *zʔ* 'forma de semente'
origem: *ʔōm zʔ* 'semente'
- 12) *wapsōzʔ*
(cachorro-N +Class)
'pulga'

13) zʔ hu ³¹ ʔi	nēt	waa
(Class+ comer-V)	PAS PER REAL	correr-V
'A cutia correu'.		

Como classificador, zʔ aponta para características salientes do objeto, tais como: tamanho, forma, maneira como se comporta que, de certa forma, assemelham-se a uma semente. O classificador zʔ recorta essas em 12 e 13, wapsē zʔ ‘pulga’ e zʔ huʔi ‘cotia’: tamanho e forma e hábito alimentar respectivamente. Como termo de classe³², funciona como “superordenador” da classe, organizando objetos que, de fato são sementes, por exemplo: no zʔ ‘milho’, nʔōwawē zʔ ‘polpa de coco’, zum zʔ ‘feijão’.

A diferença entre classificadores nominais e termos de classe é sutil. Se consideradas as valências (em âmbito morfológico/sintático), pode-se ver que os classificadores apresentam valência 2; os termos de classe, valência 1.

O gráfico relaciona classificadores, origem, sentido e alguns exemplos à guisa de resumo.

Esquema 1 – Classificadores nominais em *Xerente*.

Classificador	Origem	Categorização	Glossa	Tradução
kʔə]	kʔə]-NI	‘em forma de cabeça’	əkka kʔə]kumnō	‘jacupim’
kwa	kwa-NI	‘forma ou função de dente’	ʔōm kʔu kwa	‘rama de espinho’
pa	paki-MOD	‘coisa comprida’	pʔakuzate pa	‘bota’
pʔε	pʔεdi-MOD	‘coisa madura, vermelhidão’	kuza pʔε	‘suçuarana’
pɔ	pɔ-V	‘forma oblonga’	ude kʔ] pɔ	‘manga’
zʔ	ʔomzʔ-N	‘forma de semente’	wapsē zʔ	‘pulga’

31. Sugere-se o sentido literal: “comedor de sementes”.

32. Ver Siqueira (2010: 119-121).

Considerações finais

Com este artigo, pretendeu-se mapear algumas concepções teóricas acerca dos conceitos e dos critérios operacionais mais adequados à análise do sistema de categorização da língua *Akwê-Xerente* no que se refere à identificação dos classificadores nominais dessa língua. Esses conceitos foram indispensáveis para a constituição do arcabouço teórico básico para a descrição dos classificadores nominais *xerente*: *-kʔʃ* ‘em forma de cabeça’, *-kwa* ‘forma ou função de dente’, *-pa* ‘coisa comprida’, *-pɔ* ‘forma oblonga’, *-pʔʃ* ‘coisa madura’, *-zi* ‘forma de semente’.

Os classificadores nominais *xerente* passam por processos de alargamento de seus valores semânticos. De uma origem lexical, estendem-se para abarcar outros traços semânticos. Caracterizam os nomes e coocorrem com eles e não são do tipo concordial. Os classificadores *xerente* não são morfemas livres, ocorrem à direita do nome que classificam (exceção dos itens *kʔʃ* e *kwa*, pois têm outras funções na língua); recortam uma característica saliente do objeto como: forma, consistência, tamanho. Podem ser considerados uma subclasse dos nomes.

O elemento *kʔʃ* ‘cabeça’ é amplamente usado na língua com funções muito variadas. Como classificador indica a forma ‘arredondada’ do objeto: *əinə ka kʔʃ* ‘nuvem cheia’, *dakʔʃʃ tom kwa* ‘carrapicho’, *kʔʃʃ sku ude* ‘copaíba’. Como termo de classe, é usado genericamente para designar ‘fruto’. Assim, ordena uma classe ampla de frutos ou frutas: *həspɔ kʔʃ* ‘banana’, *ude kru kʔʃ* ‘melancia’. A posição em que *kʔʃ* ocorre no composto não é fixa, pode ocorrer à direita (*əinə ka kʔʃ* ‘nuvem cheia’); à esquerda (*kʔʃʃ ti* ‘saúva’); pode ocupar a posição de núcleo (*ude kru kʔʃ* ‘melancia’) ou pode estar inserido entre duas raízes (*əkkaskʔʃʃ mnɔ* ‘jacupim’); ou simplesmente vir justaposto a outro TC (*tpe kʔʃʃ re* ‘peixe pequeno’).

O item *kwa* comporta-se de maneira muito semelhante a *kʔʃ*, ou seja, também é bastante produtivo na língua. Apresenta funções de classificador (‘instrumento’); é um nominalizador – forma nomes a partir de raízes verbais, indicando que o novo item lexical é o agente da ação verbal. Como

“denominal” aparece prefixado a outra raiz para formar verbos a partir de nomes. Dessa maneira, é extensamente usado como base para formação de palavras. Também não tem uma posição fixa no composto, pode vir à direita (ʔõm kʔu *kwa* ‘rama de espinho’); à esquerda (*kwakr*sõhi ‘lagartixa’); entre dois elementos do composto (kʔu *kwa* ne ‘rato-de-taquara’). Entretanto, essa mobilidade de posição no composto afeta sua função. Como nominalizador é um morfema derivativo preso, sufixado a uma raiz verbal (*kwak*ʔe ‘causativo = fazer buraco’ = *kwakr*ẽ *kwa* ‘cavador’). Em alguns compostos é reduplicado (*waj kwa kwa* pe ‘pacu’).

A variedade de palavras em que aparecem *kʔe* e *kwa* é extensa. Em grande parte, essas raízes guardam algum tipo de associação com o sentido primitivo ‘cabeça’ e ‘dente’ (respectivamente); seja uma associação sutil em relação à forma do objeto (redondo, pontudo), seja em relação à função, ou posição do objeto (ou parte dele). Isto pode evidenciar que os classificadores *xerente* (ou palavras que funcionam como tal) correlacionam-se com características semânticas inerentes dos nomes, ocupando “espaços” em um contínuo semântico fluido, pois ora ampliam, ora restringem os significados. Obviamente, relacionados à classificação e à categorização *xerente*.

Referências bibliográficas

AIKHENVALD, A. 2000a. *Classifiers: a typology of noun categorization devices*. Oxford: Oxford University Press.

_____. 2000b. “Unusual classifiers in Tariana”. In: G. Senft (Ed.). *Systems of Nominal Classification*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 93-113.

ALLAN, K. 1977. Classifiers. *Language* 53: 284-310.

BARNES, J. 1990. Classifiers in Tuyuca. In: D. L. Payne (Org.). *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press. pp. 273–292.

BRAGGIO, S. L. B. 2004. Revisitando a fonética/fonologia da língua Akwẽ-Xerente: uma visão comparativo-histórica dos dados de Martius (1866) a Maybury-Lewis (1965) com os atuais. Goiânia. (mimeo.).

BLOOMFIELD, L. 1984. *Language*. Chicago: The University of Chicago Press.

CRAIG, C. (Ed.). 1986. *Noun classes and categorization*. Amsterdam: John Benjamins.

CROFTS, M. 1985. Aspectos da língua Munduruku. Brasília: *Publicações do Summer Institute of Linguistics*. Sil.

DIK, C. S. 1989. *The theory of functional grammar*. Dordrecht; Providence: Foris Publications.

DIXON, R. M.W. 1972. *The dyirbal language of North Queensland*. Cambridge: Cambridge University Press.

DOURADO, L.G. 2001. Aspectos morfossintáticos da língua Panará (Jê). Tese (doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas.

DUBOIS, J. et al. 1998. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix.

FOLEY, W. A.; VAN VALIN Jr., R. D. 1984. *Functional Syntax and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press.

GIVÓN, T. 1986. Prototypes: between Plato and Wittgenstein. In: C. Craig (Ed.). *Noun classes and categorization*. Amsterdam: John Benjamins. pp. 77-102.

GOMES, D. M. 2006. Estudo morfológico e sintático da língua Mundurukú (Tupi). Tese (Doutorado em Linguística) Universidade de Brasília, Brasília.

GRINEVALD, C. 2002. Making sense of nominal classifications systems. In: I. Wischer; G. Diewald (Eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins. pp. 259-275.

GRUYTER, W. de. 2004. *Morphology: an international handbook on inflection and word-formation*. New York: Offprint.

GUMPERZ, J. J. 1996. *Rethinking linguistic relativity*. New York: Cambridge University Press.

JOTA, Z. dos S. 1981. *Dicionário de linguística*. 2 ed. Rio de Janeiro: Presença.

LAKOFF, G. 1986. Classifiers as a reflection of mind. In: C. Craig (Ed.). *Noun classes and categorization*. Amsterdam: John Benjamins. pp. 13-52.

MITHUN, M. 1986. The convergence of noun classification systems. In: C. Craig (Ed.). *Noun classes and categorization*. Amsterdam: John Benjamins. pp. 379-398.

PAYNE, D. 1986. Noun classification in Yagua. In: C. Craig (Ed.). *Noun classes and categorization*. Amsterdam: John Benjamins. pp. 113-132.

PAYNE, D. L. (Org.). 1990. *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press.

PAYNE, T. E. 2008. *Describing morphosyntax: a guide for Field Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.

SCHROEDER, I. 2006. Política e parentesco nos Xerente. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SIQUEIRA, K. M. de F. 2003. Aspectos do substantivo na língua Xerente. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

_____. 2010. O sistema de classificação nominal Akwê-Xerente (Jê): âmbitos de análise. 2010. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

SOUSA FILHO, S. M . 2007. Aspectos morfosintáticos da língua Akwê-Xerente (Jê). 2007. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

WIERZBICKA, A. 1997. *Understanding cultures through their key words*. New York: Oxford University Press.